

A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida

Orgão republicano do concelho de Ovar

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Redacção—Rua de Santa Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Rua das Figueiras

A-SIGNATURA-

Em Ovar (villa), semestre	500 réis
Para fóra da villa, continente e África, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
 Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO
 de Viuva Lemos & Gonçalves
 RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

ANNUNCIOS

Primeira publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis.
 Permanentes e réclames, a preços convencioneos.
 COMMUNICADOS a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 %
 de abatimento.

A republica

triumfante

Depois das gloriosas jornadas do 4 e 5 d'outubro, os heroicos militares republicanos e o admiravel povo de Lisboa, conseguiram fazer aclamar na capital, definitivamente, a republica. Pelo paiz além, com uma celeridade e unanimidade unicas nos fastos historicos das grandes revoluções, o novo rejime implantou-se entre o jubilo e o socego das multidões, de modo que a republica, dois dias volvidos sobre a aclamação em Lisboa, via-se implantada, seguramente, em todo o paiz. E' pois o facto consumado, já agora unanimemente aceite. Foi bom que assim succedesse, a bem da fraternidade e do interesse comum superior de todos os portuguezes.

Nós, republicanos das horas agras do antigo e nefasto rejime, não temos palavras com que exprimir a alegria subita que se nos fez n'alma, o clarão esplendente e imperecível que nos alaga de luz nesta hora unica. Pela força indomavel e ultima da Revolução está implantada a republica, resta agora tirar d'ela todas as consequencias de paz, de avance, de prosperidade, de dignificação e civismo que constituem a finalidade esplendorosa da nossa fé.

Agora começa, pois, o trabalho novo e penoso de reconstituir e reformar positivamente, e nesta tarefa delicadissima é necessaria a ação propulsiva e intelijente das dedicações revolucionarias.

Consagrem-se todos os esforços, empenhe-se toda a vontade no proposito civilista e pacificador que dirige os nossos ideaes isentos de preocupações pessoalistas; avigorem-se todas as enerjias na obra de Vida Nova que deve marcar o novo rejime.

Republicanos—começa para nós um novo jenero de sacrificios; soldemos mais forte, mais rijamente, o elo da concordancia que nos fez vencer.

Viva a Republica Portuguesa!

seja o nosso hino de guerra e o nosso brado d'ação; Viva o Trabalho! Viva a Solidariedade! Viva a Justiça! sejam os clamores que afirmem a expressão de nossos culminantes designios.

Actuemos ainda! Actuemos sempre!

Viva a Republica Portuguesa!

A Republica Portugueza

Está feita a Republica em Portugal, e está feita não só em prol da aspiração politica dos republicanos como ainda para bem da tranquillidade pessoal dos monarchicos.

Na verdade, se os monarchicos portuguezes pensassem n'estas coisas gravissimas com a sizudez e desapaixonada circumspecção que ellas exigem e merecem, elles veriam desde logo que seria uma calamidade funestissima não só para os republicanos como ainda para elles monarchicos que a tentativa revolucionaria republicana, uma vez empreendida, houvesse finalmente resultado subjugada e esmagada.

Porquanto, se tal espantosa e abominavel desgraça houvesse acontecido, ao desastre da tentativa revolucionaria seguir-se-hia a mais feroz e implacavel vingança reaccionaria. Não haveria quartel para os vencidos; os prisioneiros seriam fuzilados aos montões; e aquelles que escapassem d'essa truculenta reprezalia estariam destinados para as sentenças condemnatorias das deportações em massa, dos degredos e dos encarceramentos a longos prazos de que seriam cruelmente prodigos os conselhos-de-guerra, assim facciosos, como impiedosos. Viria para Portugal um periodo de lucto e horror que deixaria a perder de vista nos cotejos historicos a quadra da sanha absolutista das alçadas de D. Miguel. A differença unica estaria em que a força de então seria substituída hoje pelo poste fatal dos arcabuzamentos.

Mas esta furia de vingança monarchica seria inevitavelmente compensada pelo desespero compensador dos attentados pessoases, que attingiriam desde os membros da real familia até aos seus sanguinarios e intolerantes ministros, aos seus rancorosos juizes, aos seus funcionarios interesseiros e zelozos, corrompidos e fanaticos. Não haveria mais um dia de socego em Portugal; não seria só a paz publica que n'este paiz infelicitado estaria irremediavelmente prejudicada; seria a mesma tranquillidade domestica que ficaria perdida, os amorosos laços da familia se desatariam e um obsecado odio reciproco precipitaria n'um frenesi insensato de aniquilamento os paes contra os filhos e os irmãos uns de revez aos outros.

Como poderia subsistir uma monarchia em Portugal, dadas estas temerosas e irreductivels circumstancias politicas? Pois os monarchicos desconhecem a tal ponto o coração humano que julgam possivel que o rei de Portugal que houvesse fuzilado, deportado, expatriado milhares de portuguezes passeasse impunemente pelas ruas da sua capital, sem que a tal ou qual canto e esquina rebentasse a bomba expiatoria que castigasse n'elle os soffrimentos e a indignação das suas victimas; vingadas emfim pela mysteriosa inciativa d'algum d'aquelles que houvesse escapado da sede persecutoria das justicas inflexiveis? Era isto acaso crível e admissivel?

Não o sendo, como o não é, fica evidente, a quem attentar n'estas coisas com reflexão e acerto, que a victoria da revolução republicana portugueza devia ser desejada não só pelos republicanos como ainda pelos proprios monarchicos, pois, que do interesse dos monarchicos é, como o é do interesse dos republicanos, que a nossa nação entre emfim, que já não é sem tempo, n'uma phase de paz, de ordem, de concordia, de confraternisação e de trabalho effectivo e effcaz.

Nem os republicanos fazem revoluções pelo prazer de fazer revoluções, prazer esse que seria detestavel e hediondo. Pelo con-

trario, bem pelo contrario. Os republicanos em toda a parte onde combatem monarchias devoristas e depravadas appellam para a revolução, como em Portugal até aqui o faziam, precisamente para terminar com a necessidade das revoluções. Elles não sahem revolucionariamente d'uma ordem imperfeita senão para fundarem uma outra ordem superior, mais racional, legitima e justa.

Consequentemente, para o espirito republicano, scientifico e positivo, o periodo anormal da necessidade revolucionaria tem de ser o mais curto possivel; é preciso e urgente que, após o esforço consummado, tudo regresse o mais depressa que ser possa á normalidade.

Seria quasi que descabido frisar no lance o contraste dos sentimentos avançados no confronto com os estímulos retrogradados. As almas democraticas e republicanas são naturalmente de per si generosas; ellas não experimentam a vergonhosa appetencia das vinganças; ellas não teem sede de sangue; o sangue lhes causa horror.

Se isto é assim em a esphera da pura doutrina, duplamente assim é na especialidade moral da nossa gente portugueza, tão ciosa em rebater injurias como prompta benignamente em esquecer agravos e em perdoar offensas.

Um povo que acaba de dar ao mundo o estapeado espectáculo da batalha das ruas da nossa capital allia ao heroismo supremo a mais rara das magnanimidades; e no seu cavalheirismo não admite o desdouro da mais leve macula.

Aqui agora o pensamento não se retarda, pois, no passado, converge para o futuro. Todos nós sentimos na nossa consciencia, inquieta sim mas esperançada tambem, o honroso gravame das responsabilidades presentes. Graças ao povo de Lisboa (que duas vezes salvou Portugal, a distancia de seculos, ou quando aclamou o Mestre de Aviz então ou quando funda hoje a democracia luz tana) graças ao povo de Lisboa, nós todos portuguezes já não somos subditos do rei de Portugal; d'agora em diante somos cidadãos da Republica Portugueza. Isto é: — só agora é que começamos verdadeiramente a ser homens.

Pois bem: — senhores dos nossos destinos, possuidores, de proprio jús, das nossas franquias e direitos, sabemos tambem compreender e acatar nossos deveres e obrigações, que, se não ha deveres sem direitos, tambem não ha direitos sem deveres. O nosso dever maximo hoje é mostrar ao mundo todo (que se encontra com os olhos fixos em nós) que estamos á altura moral das novas instituições e que somos dignos d'ellas. D'esta maneira aplanaremos desde agora o caminho para que os governos estrangeiros reconheçam rapidamente a Republica Portugueza, que tal é o ponto immediato a conquistar sem perda de tempo.

Sei de certeza que essas considerações brotam espontaneamente no animo de todos os republicanos; mas nem por isso deixa de concluir que ellas se exarrem em letra redonda. Mesmo porque aos reaccionarios impenitentes cumpre que reste o labéu de quaesquer protervias anti-patrioticas que nada, nem nos actos nem nas intenções dos republicanos, justifica, auctorisa ou sequer desculpa.

A Republica hoje é a Patria. Quem n'esta hora solemmnissima fór contra a Republica é contra a Patria. Porque Republica e Portugal é agora, em duas palavras differentes, a só e mesma ideia, unica e identica. A Republica não é como a Monarchia, um governo de excepção. E' a causa publica, é o bem commum, a causa e o bem de todos os portuguezes.

BRUNO.

Cidadãos do concelho d'Ovar

Tendo sido nomeados para constituir a Comissão Administrativa d'este concelho, cumpre-nos: começar por vos dirigirmos as nossas saudações sinéras pelo advento da Republica que ha-de transformar este povo heroico e sublime, mas infeliz, n'uma Patria nova, redimida, respeitada e feliz.

Ao tomar posse do nosso cargo podemos abertamente e terminantemente afirmar que não cabe em nós a menor parcelle d'odio para com os parti a ios do regimen deposto; o que desejamos é que em volta de nós e em nosso auxilio se congreguem todos os esforços e voittales porque se não bem recebidos por quem, como nós, se esforçará sempre por decidir exclusivamente seguindo as normas da Justiça os assumptos submettidos á sua apreciação.

Nós não queremos outra punição de que não seja a que a nós advenha do cumprimento do nosso dever; e quando, consultado o suffragio popular nós entregarmos aos escolhidos do povo a direcção dos seus negocios, esperamos confiadamente poder dizer que nem o odio, nem o despeito, nem a vingança, nem o favoritismo, nem a excepção tiveram em nós cabimento, mas tão somente o desejo sincero de bem servir os interesses do municipio e dos seus habitantes.

Cidadãos:

Não ignoramos que pesada e ardua é a tarefa. Mas a Republica é o governo do povo pelo povo; e quando d'isto e da nossa boa vontade vos e nvecerdes, facilitado está o nos o trabalho.

E' preciso que nos auxilieis, fazendo por cumprir a lei municipal — as posturas — cuja reforma reconhecemos urgentemente como necessaria, mas que tem de ser cumprida enquanto não fór reformada porque a peor lei é sempre preferivel ao melhor arbitrio.

Tomae como honroso exemplo esse nobre povo de Li boa a que n deve nos o regimen que felizmente nos reg', que depois de tormentosas horas de lucta heroica e sangrenta, apenas assurgido da victoria, se encarregou de vigiar e conseguir que a paz e a tranquillidade voltassem á população alarmada. Assim deveis vós cumprir as disposições legais, evtando os o desgosto de as fazer cumprir, auxiliando-nos d'esta forma no nosso proposito d'evitar quanto possivel o emprego de medidas energicas que não estão no nosso espirito, nem na nossa vontade.

Cidadãos:

A Comissão Administrativa Municipal d'este concelho nos seus bons desejos d'acertar e de fazer durante o tempo em que occupe os logares da Camara uma boa e fecunda administração convida-vos a apresentar-lhe por escripto, verbalmente e ou pela imprensa os vossos alvit es e planos sobre a administração municipal ou sobre qualquer dos seus detalhes, para por ella serem ponderados e aproveitados sempre que seja possivel.

E afirma-vos que «endo» as suas divisas «Paz e Liberdade» «Ordem e Progresso» «Justiça e Moralidade» as não perderão nunca

de vista ao tomar qualquer resolução.

Convida-vos a colaborar com ella n'esta obra e a collocar acima dos interesses particulares, nem sempre justos, os interesses da collectividade sempre respeitaveis.

Mudar de regimen não é só mudar d'instituições; é mudar d'habit os e de processos.

E' preciso honrar as novas instituições seguindo fervoros e completamente os preceitos democraticos, no mais completo respeito por os direitos dos outros que legitima a nossa exigencia de que os nossos sejam igualmente respeitados.

Saudamo-vos mais uma vez e esperando o vos so auxilio na obra que e'prehenlemos, terminamos gritando entusiasticamente:

Viva a Patria!

Viva a Republica Portugueza!
Viva o concelho d'Ovar!

Ovar, 10 de outubro de 1910.

Pedro Virgolino Ferraz Chaves
Manoel Pereira Dias
José d'Oliveira Lopes
Manoel Dias de Carvalho
José Gomes da Silva Bonifacio
Fernando Arthur Pereira.

Mãos á obra

Está, afinal, consolidada a republica, e nós, imprevisadamente, encontramos-nos na situação de governantes, dirigindo a sociedade portugueza, todos o sabem, anarquizada e entregue ao mais clamoroso abandono pelos successivos monarchas e politicos da monarchia. Em Lisboa, jeringo o barco do estado ha o governo provizorio, incontestavelmente uma elite d'homens de primeira plana, que pela sua probidade, pela sua intelligencia, pelo seu tino, pela sua abnegação e pelas suas virtudes trabalhadoras e egrejo civismo, dão, darão, sem nenhuma duvida, boa conta de si e do novo rejime que representam.

Está o paiz confiado a mãos limpas e de rectas e sinceras decisões, inaugurou-se, com a republica, uma politica de principios claros, simples, decididos; disso o paiz tem já a certeza, o que se manifesta pela ordem e pela confiança que renasceram prontamente em todo o territorio da republica.

Na administração jeral da nação hade ser difficilima — porque é terrivel a herança — a faina a que se vae abalançar o governo; na administração local dos municipios tambem aspera vae sêr a tarefa a que se vão entregar os republicanos.

Em Ovar, demos já uma alta lição com as nossas manifestações triunfantes, cujo espirito de cordura, de magnanimidade e de tolerancia, ninguem, poderá contestar. Fomos perseguidos, difamados, coartados nos nossos direitos, e, contudo, na hora da victoria assegurada e indisputavel, não tivemos a pequenez de exercer retaliações. Escreveu-se e disse-se af que haviamos praticado violencias e feito ameaças a funcionarios do estado, mas a afirmativa não é verdadeira, por depoimento insuspeito e jeral do funcionalismo da nossa terra.

Isto desfaz a envenenada arma que se empregou, isto prova, ainda, que não ha, até esta hora, notas destoantes e mesquinhas nos nossos actos publicos.

Mas, adeante. Os republicanos, na camara municipal como na administração do concelho, vão sêr rigorozos para si proprios no cumprimento dos deveres a que se dedicam, como noutras terras, vão ter encargos peizados e responsabilidades gravissimas. Comprometeram-se a se-

guir normas de moralidade, de justiça, de afabilidade — não de cumprir, fique-se ciente. O seu dever, tambem, será a defeza da republica, baze da nossa grandeza futura e condição essencial da nossa nova estencia, e no cumprimento d'essa obrigação, como no das outras, serão inflexiveis — para si mesmos.

A hora das vinganças e das perseguções não entra no rejime republicano, implantado com sangue de heroes e com sacrificio de martires, mas, tambem, nós não poderemos permitir a quem quer que seja, nesta situação, que se atração a republica — penhor do comum bem de nós todos.

Na administração municipal hade, certamente, dar-se provas de superior orientação e incontestavel equanimidade, far-se ha alguma coisa de novo, haverá moralidade; para tudo sendo precisa a vontade de ferro dos administradores republicanos e — muito tambem — a cooperação, a solidariedade dos vareiros.

Apelamos para todos, afim de que todos facilitem a ação republicana, que já não é uma obra de partido, mas sim, uma conquista nacional e um facto coletivo.

Ajudem todos pela sua vontade de cooperação o trabalho empreendido pelos novos homens representantes de novos principios e nova sinteze, que assim lucra-se na generalidade e mais lonje, de seguro, se chegará.

O bem comum, em Ovar, é a melhoria das condições de vida local, isso hade obter-se, mais amplamente e mais facilmente se todos ajudarem, e portanto, já que esse é o objecto do esforço inicial deploravel seria trazer-lhe attrictos.

Mãos á obra, nós, vareiros, para fazermos da nossa terra o que ella tem direito a sêr.

CONVOCAÇÃO

Aos acionistas de «A Patria»

Tendo, por justificados e imperiozos motivos, de abandonar, desde já, a direcção d'esta folha, peço aos snrs. acionistas de «A Patria», queiram comparecer na sede do Centro Republicano amanhã, sexta-feira, pelas 7 horas da tarde, afim de deliberarem sobre a minha substituição.

O director de «A Patria»,
Antonio Valente d'Almeida.

Manifestação civica

VIVA a REPUBLICA!

Seja esta a primeira phrase do jornalista republicano que escreve, como foi o primeiro grito que soltou o revolucionario ao ter conhecimento do advento do nobre ideal por que vinhamos luctando — a Republica.

A alegria e expansão que nos domina n'esta hora — uns dias apenas após esse dignificante facto que mais e mais illustra e inaltece a nossa historia patria, já tão brilhante e heroica — pelo auspicioso futuro que antevemos para o nosso paiz, ainda não as pudemos subjugar para que o nosso espirito recuperasse a sua serenidade, afim de dizermos o que foram n'esta v.lla, com socego e precisão, a anciedade e alvoroço d'aquelles dois dias historicos de 3 a 5 d'outubro e as manifestações de regozijo após a noticia official da proclamação da Republica.

Na manhã de terça-feira, da semana passada, ao ter-se conhecido d'uma sublevação publicitar em Lisboa, o espirito publico principiou a inquietar-se por ver que alguma coisa de grave se passava na capital, inquietação que ia subindo de intensidade ao saber-se pela tarde que o serviço telegraphico fora interrompido e que os comboios não circulavam para além de Santarém por serem cortadas estas vias de comunicação e á noite pelas difusas noticias chegadas em poucos jornaes de Lisboa chegados pelo correio.

Então a ninguém restou a menor duvida que a Revolução rebentára na capital.

A anciedade recrudescceu. N'essa noite muito povo se dirigiu á estação do caminho de ferro na esperança de saber noticias pelo comboio ascendente que aqui passa depois das 11 horas—mas mais nada se averigua além do que já se sabia.

As esperanças da manhã seguinte igual anciedade levou varias pessoas a saber noticias á estação; á noite e na quinta-feira de manhã o mesmo, sendo cada vez a concorrência maior.

Ah! que de incertezas se passaram então! O desanimo dominou por completo os arraiaes monarchicos da localidade e nas pequenas mas arrojadas fileiras republicanas por vezes passou a ideia d'um malogro,—ideia que se desvanecia, logo que se pensava que o heroico Povo de Lisboa seria invencível pelas forças do pódre regimen, desde que para o triumpho da sua patriótica causa fôra buscar o apoio da armada e de uma grande parte do exercito.

Concentrados na nossa esperança do dia d'amanhã surgir resplandecente e victorioso, algumas phrases favoráveis ao provavel exito da Republica já se ouviam das mesmas boccas que pouco antes a flagellavam com improperios e escarneos!

Chegamos a ter nojo, por vezes, de tal gente.

Alvoreceu, finalmente, o dia de quinta-feira, 6 de outubro.

As nossas esperanças confirmaram-se n'uma redemptora realidade. A Revolução triumphára nas ruas da heroica Lisboa.

A Republica fôra implantada na vespera n'aquella admiravel cidade e o governo provisorio nomeado.

E' então indescriptivel o entusiasmo nas hostes republicanas d'esta villa, a cada momento augmentado com a adhesão popular.

Rapidamente se comunica o advento da Republica para todo o concelho onde ha correligionarios e se preparam manifestações de regosijo.

No Centro Republicano, onde os correligionarios se reúnem e deliberam as commissões, é grande a animação.

Pela tarde, com o concurso das duas bandas da villa—Ovarense e dos Bombeiros Voluntarios—na Estação, como homenagem ao operariado republicano das officinas do caminho de ferro d'esta villa, se organizou o cortejo que se dirigiu no meio do maior entusiasmo mo para a Praça. Alli, cerca das 5 horas, ao som da *Portuguesa*, tocada pelas duas philarmônicas e no meio de delirantes vivas á Republica, á Patria, ao Povo de Lisboa, á armada e exercito revolucionario, soldados pelo povo foi hasteada a bandeira republicana nos paços do concelho e proclamada a Republica na varanda principal do edificio pelo cidadão dr. Domingos Lopes Fidalgo.

A ascensão da bandeira e a proclamação foi saudada com uma salva de 31 tiros.

Da mesma varanda, em phrases patrióticas, fez uma allocução ao povo o nosso prestimoso amigo sr. Manoel Pereira Dias.

Em seguida o cortejo dirigiu-se ao Centro Republicano, onde, d'uma varanda, fallaram com elevação e patriotismo, saudando a

Republica. os snrs. drs. Pedro Chaves e Lopes Fidalgo.

Na rua as musicas, as aclamações do povo e o estalejar dos foguetes irromperam em calorosas manifestações as palavras dos oradores.

O cortejo em que iam desfaldadas bandeiras vermelhas e verdes, percorreu em seguida, saltando varios e entusiasticos vivas, as ruas dos Campos, Praça, Figueiras, Outeiro, Fonte, Largo do Serpa Pinto, Rua da Graça, S. Pedro, Ferradores, Poça, Bujunco e S. Miguel, regressando novamente á Praça, onde dispersou pelas 7 horas, depois de repetidos vivas.

Durante o percurso do cortejo, em que as musicas sómente tocaram a *Portuguesa* e em que tomaram parte algumas centenas de manifestantes, de diferentes predios pendiam bandeiras republicanas e eram dados vivas e palmas.

A' passagem do cortejo quasi toda a gente se descobria ao saudar a Republica.

No bairro da Arruela foram d'algumas casas lançadas ao ar grandolas de foguetes á passagem dos manifestantes.

A bandeira republicana tem-se conservado desde então hasteada nos paços do concelho.

Esta manifestação civica decorreu na melhor ordem, podendo até d'ella tirar exemplo os descahidos bandos monarchicos, pois que a correcção dos nossos correligionarios e a comiserção para com os vencidos os levou a não erguerem um unico *morra* a ninguém.

Com prazer registamos este facto, que enobrece um partido.

Terminemos como principiamos:

VIVA a REPUBLICA!

ARA

Luzitania no Bairro Latino

Georges! anda ver meu paiz de marinheiros, o meu paiz das Naus, de esquadras e de frota!

O' as lanchas dos poveiros saírem a barra entre ondas e gaiotas! Que extranho é! Fincam o remo n'agua, até que o remo torça, á espera da maré, que não tarda ahí avista-se lá fóral! E quando a onda vem, ficando-a a toda a força,

clamam todos á uma: *agóral agóral agóral!* E a pouco e pouco as lanchas vão saindo (ás vezes, sabe Deus, para não mais entrar...) Que vista admiravel! que lindo! que lindo! íçam a vela quando já teem mar: dá-lhes o vento e todas á porfia, lá vão soberbas, sob um ceo sem manchas, rozario de velas que o vento desfia, a rezar, a rezar a *Ladainha das Lanchas*:

Senhora Nagonia!

Olha, acolá! que linda vae com seu erro d'ortografia... Quem me dêra ir lá!

Senhora da Guarda!

(Ao leme vae o mestre Zé da Leonor) parece uma gaiota: aponta-lhe a espingarda o caçador!

Senhora d'ajuda! Ora pro nobis! *Calludal!* *Sêmos probes!* *Senhor dos ramos!* *Ístrela do mar!* *Cá bamos!*

Parecem Nossa Senhora, a andar

Senhora da Luz!

Parece o farol...

Maim de Jesus!

E' tal qual ela, se lhe dá o soll!

Senhor dos Passos! *Senhora da Oral!*

Aguias a voar, pelo mar dentro dos espaços parecem ermidas caídas por fora...

Senhor dos Navegantes! *Senhor de Matusinhos!*

Os mestres ainda são os mesmos d'antes: lá vae o Bernardo da Silva do Mar, a mail-os quatro filhinhos, Vascos da Gama, que andam a ensaiar...

Senhora dos afictos! *Martyr S. Sebastião!* Ouvi os nossos gritos! *Deus nos leve pela mão!* *Bamos em paz!*

O' lanchas, Deus vos leve pela mão! Ide em paz!

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados, o Jéques, o Pardal na *Nam te perdes*, e das vagas, aos ritmos cadenciados, as lanchas vão traçando, á flor das aguas verdes

«As armas e barões assinalados».

Lá sae a derradeira! Ainda agarra as que vão na dianteira... Como ella corre! com que força o vento a impele;

Bamos com Deus!

Lanchas, ide com Deus! ide e voltae com elle por esse mar de Cristo...

Adeus! Adeus! Adeus!

ANTONIO NOBRE.

CHRONICA AGRICOLA

LXIV

Fabrico do vinho

Não se póde nunca dizer, d'uma fórma geral, qual é a melhor maneira de fabricar vinho, porque isso depende da quantidade d'assucar que o móto contém, do tipo q e se quer obter e de muitas outras circumstancias.

E' porisso que eu pasmo de vêr, como ha dias li n'um jornal lido em tolo o puz, indicar se a *melhor fórma de fazer o vinho*. Claro está que se não en Ovar lue eguiseemos os conselhos estavimos b-m servidos...

Ha varios processos do fabrico do vinho: *bica aberta, feitoria, meia feitoria, curtimenta, meia curtimenta, maceira*, etc.

O primeiro consiste em pisar as uvas ten lo a bica do lagar aberta e mudando logo o móto para uma vasilha onde elle fermenta; assim, o contacto com o bagaço é minimo e o vinho sae aviludido, pouco tannoso. Entre nós não póte seguir-se tal systema porque os vinhos são pouco alcoholicos e necessitam de estar em contacto com o bagaço para adquirir em o tannino necessario á sua conservação. O processo de *feitoria* consiste em prolongar a pisa a pés até que a fermentação tumultuosa seja bastante activa. No de *curtimenta* não ha tanta sova na pisa, mas termina a fermentação tumultuosa em contacto com a bala; é o processo mais seguido na Barrada.

Os de *meia feitoria* e *meia curtimenta* são, como o nome indica, intermedios. Ha finalmente o de *ma eração* quasi exclusivamente usado no Alemtejo e Algarve onde os móstos são excessivamente saccharinos e que consiste em deixar estar o vinho em contacto com a balsa por muito tempo—1 a 2 mezes.

Parece-me que o processo mais conveniente para a região é o de *meia curtimenta*; tirar algum engace e deixar o restante no móto até terminar a transformação do assucar em alcohol o que se conhece por meio do glucometro. Mergulhando este instrumento no posto deve o seu nivel coincidir com o—0—da escala glucometrica.

Tambem não é de todo indifferente fabricar o vinho em lagar onde é maxima a superficie de evaporação ou em balseiro onde é minima; parece-me este ultimo o melhor recipiente para nós.

Fabricando em balseiro não se deve enher demasiadamente, mas de fórma a deixar, quando a balsa subir, um pequeno espaço até ao rebordo do mesmo afim de juntando-se ahí ac do carbonico proveniente da fermentação evitar o desenvolvimento de qualquer fermento nocivo.

Convém mergulhar a balsa no móto, 2 vezes por dia.

Em condições normaes a fermentação começa passada 6 a 12 horas; em o seu melhor funcionamento com a temperatura de 20 a 25 graus, regular entre 15 a 35 e paralisa abixo de 9 ou acima de 36. E' conveniente conservar no móto a temperatura mais favoravel e se a fermentação amua por a sua irregularidade, corrige-se pelo escaldão ou arjamento conforme o defeito de que enferma.

Em outros pontos—que não em Ovar, onde os vinhos sejam muito alcoholicos (15 a 16° glucometricos), póde a fermentação amuar por excesso d'alcool; n'esse caso tem de se lhe juntar agua para diminuir o alcohol.

E' conveniente não dormir ninguem nas casas onde se fabrica o vinho, porque o acido carbonico proveniente da fermentação, sendo mais pesa to que o ar e irrespiravel, forma uma camada junto do sólo que póde provocar accidentes mortaes a quem esteja deitado, sobretudo se a casa não fôr bem arejada.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Fez annos no dia 8 o pequeno Arthur Pacheco Farraia, filho do nosso correligionario sr. Augusto da Cunha Farraia.

Tambem passam seus anniversarios natalicios:

No dia 15 o menino Augusto Julio, dilecto filhinho do nosso presado amigo e illustre presidente da Camara Municipal, dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

No dia 17 o nosso estimado amigo Anthero Araujo d'Oliveira Cardoso.

E no dia 19 o sr. Carlos Alcantara da Gama Baptista.

A todos as nossas felicitações.

Partiu na penultima terça-feira para Lisboa, com destino ao Pará, o nosso sympathico amigo e correligionario José Augusto Pinto do Amaral.

Renovando o abraço de despedida, desejamo-lhes feliz viagem e que a fortuna o continue bafejando.

Até Lisboa foi acompanhado por seu pae o sr. dr. José Duarte Pereira do Amaral, que já d'alli regressou.

Tivemos o prazer de cumprimentar n'esta villa, onde veio de visita, o nosso devotado e intelligente correligionario sr. Fernando Carneiro, de Lisboa.

Chegaram do Furadouro com suas famlias os snrs. dr. José Duarte Pereira do Amaral, D. Benedicta Vaz da Silva, Frederico Camarinha Abragão, João Ferreira Coelho, Antonio Maria Gonçalves Santhiago e Eduardo Ferraz d'Abreu.

Das doenças de que ha dias soffrem, encontram-se felizmente melhores os meninos Antonio e Alvaro, queridos filhinhos do nosso excellente amigo dr. Francisco Ferreira d'Araujo.

Regressou de Luzo, onde estivera a uso d'aguas, o sr. João d'Oliveira Gomes Silvestre, bem-que sto constructor naval.

Partiu ha dias para Lisboa o nosso dedicado correligionario Antonio Ramos.

Fallecimento

F'nou-se no dia 8, sepultando-se n'esse mesmo dia ao anoitecer, um filhinho do sr. Domingos Lopes da Silva, mestre d'obras da rua Areal.

Camara Municipal

Tomaram posse official na segunda-feira finda os cidadãos que por nomeação superior foram incumbidos no encargo da administração municipal e que são, na effectividade, os snrs. dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves, José d'Oliveira Lopes, Manoel Pereira Dias, Celestino Soares d'Almeida, Manoel Das de Carvalho, José da Silva Bonfácio e Fernando Arthur Pereira. Foram empossados pelo administrador do concelho e nosso director sr. Antonio Valente, revestindo o acto solemnidade e concorrência deshabituaes.

Dada a posse usaram da palavra os snrs. drs. Lopes Fidalgo, Pedro Chaves, e o sr. Manoel Pereira Dias, este ultimo terminando por apresentar uma proposta de que adiante damos noticia. Os vereadores substitutos são os snrs. Antonio d'Oliveira Mello, Antonio Godinho d'Almeida, José Maria Pereira d'Almeida, Manoel Maria de Mattos, Manoel d'Oliveira Salvador e Manoel da Silva Pereira e Pinho.

As propostas apresentadas pelo vereador sr. Manoel Pereira Dias e approvadas por unanimidade foram—que se telegraphassem saudações ao governo provisorio, que do mesmo se reclamasse a publicação da lei projectada sobre a separação da igreja do estado, que se desse ao largo Maria Pia o titulo Machado dos Santos, em homenagem ao heroe da revolução de Lisboa, e que se abrisse uma subscrição para os martyres do advento da republica, subscrição que ficou logo em perto de cem mil réis.

Em seguida á posse, reunida a camara, delberou dar ao largo da Praça, o nome de «Praça da Republica», ao Largo dos Campos, «Praça 5 d'Outubro» e ao Largo

D. Maria Pia do Furadouro o nome de «Machado dos Santos».

Telegraphou ao presidente do governo provisorio, significando-lhe a anciedade com que aguarda os decretos libertadores, especialmente o de separação da igreja do estado.

Lançou um voto de profunda admiração pelo heroico povo de Lisboa, pelo exercito e marinha, communhando-o ao presidente da camara municipal d'aquella cidade e respectivos ministros.

Prestou sua homenagem aos martyres da Republica, quer aos do recente movimento triumphador quer aos de 31 de janeiro.

Finalmente resolveu lançar um voto de agradecimento e louvor ao pessoal das officinas do caminho de ferro d'esta villa, pelo civismo e amor que mostraram á Republica, luctando sempre por este ideal.

«A Patria»

No dia 1 do corrente passou o 1.º anniversario d'este denodado e brilhante diario republicano do Norte. Dirigido, superiormente, até ha pouco, pelo eminente cidadão Dr. Duarte Leite, e agora pelo illustre deputado e distinctissimo propagandista o Dr. Alfredo de Magalhães, tem mantido sempre, alto e puro, o seu balsão de combatente e de corajoso amigo do povo. Com assiduidade n'elle tem collaborado a mentalidade eminente de Bruno—esse grande cidadão e grande publicista—e penas de sinceros e intemeratos luctadores como Mayer Gargão e Thomaz da Fonseca lha prestam a sua collaboração.

Quer isto dizer que «A Patria» é um quotidiano superiormente bem dirigido, honrando a imprensa portugueza pela sua viveza, pelo seu brilho—e pela sua honestidade sem quebra.

Que muitas prosperidades acompanhem o nosso collega.

«Pão Nosso...»

Continúa a publicar-se, ás quartas-feiras, este magafico pauplet de Padua Correia. O ultimo numero, vigoroso e cortante na sua justiceira critica, condiz, de seguro, com os merecimentos e a justificada estima em que é tida essa bella publicação republicana.

ANNUNCIOS EDITAL

Pedro Virgolino Ferraz Chaves, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Presidente da Commissão Municipal Administrativa do Concelho d'Ovar:

Faço saber que a Commissão da minha presidencia, na sua primeira sessão, hoje effectuada, resolveu que as suas sessões ordinarias tenham lugar ás segundas feiras, pelas 12 horas da manhã, passando para o dia immediato, quando aquelle seja santificado.

E para constar mandei passar o presente e outros de igual teor, que vão ser affixados nos logares publicos do costume. Ovar e secretaria da Camara Municipal, 10 d'Outubro de 1910. E eu, Abel Augusto de Souza e Pinho, Secretario da Camara Municipal, que o subscrevi.

O Presidente,

Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Indicações para todos

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$600 a 4\$640 réis.
 Valor da libra, papel, de 4\$580 a 4\$600 réis.
No Brazil: cambio — 18 — Londres, valor da libra 13\$333 réis. Custando no Brazil uma libra 13\$333 réis, produz em Portugal, ao cambio de 52 1/4 4\$600 réis.
 Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 34\$000 réis, moeda portuguesa.

Preço dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qual., 15 k. 1\$250 réis
 > 2.ª > 15 > 1\$200 >
BAIRRADA
 > 1.ª qual., 15 k. 1\$150 >
 > 2.ª > 15 > 1\$100 >
 > 3.ª > 15 > 1.050 >
 Batatas, 15 kilos. 300 >
 Centeio, 20 litros. 650 >
 Fava, 20 litros 550 >
 Farinha de milho, 20 l. 650 >
 > trigo, 1.ª qual. k. 103 >
 > > 2.ª > > 93 >
 > cabecinha > > 62 >
 > semente superfinha > > 40 >
 > > grossa > > 38 >
 Feijão vermelho, 20 l. 900 >
 > branco, 20 > 900 >
 > mistura, 20 > 700 >
 Milho branco, 20 > 620 >
 > amarelo, 20 > 600 >
 Ovos, dúzia 140 >
 Tremoço, 20 litros 380 >
 Azeite, 1.ª qual., litro 360 >
 > 2.ª > > 320 >
 > 3.ª > > 300 >
 Alcool puro, 26 lit. 7\$020 >
 Aguard. de vinho, 26 l. 4\$680 >
 > bagaceira, 26 lit. 3\$720 >
 > figo, 26 litros 2\$860 >
 Geropiga fina, 26 > 2\$600 >
 > baixa, 26 > 1\$950 >
 Vinho tinto, 26 > 1\$200 >
 > branco, 26 > 1\$300 >
 > verde, 26 > 1\$300 >
 Vinhagre tinto 26 > 1\$000 >
 > branco 26 > 1\$200 >

No Furadouro

Emprezas de Pesca

«Companha Boa Esperança», «Companha d'Espinho», «Companha do Soccorro», «Companha S. José», «Companha S. Pedro».

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 4 hora da tarde.

Registos e Vales até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 5,52 da manhã e 6,17 da tarde e para o Sul pelo das 7,50 da manhã e 10,24 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias 25 réis
 Idem (idem, idem), cada 15 gr., ou fracção para Hespanha 25 réis
 Jornaes (peso maximo 2:00 gr.) cada 50 gr. ou fracção 2 1/2 rs.
 Impressos (peso maximo 2:00 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis
 Manuscriptos (sem limite de peso ou volume) — Até 250 gr. 25 réis
 Cada 50 gr. mais ou fracção 5 réis
 Amostras sem valor (peso maximo de 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção. 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
 > cada 50 gr. ou fracção. 30 réis
 Bilhetes postaes: cada. 20 réis
 Jornaes e impressos (peso maximo 2:00 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis
 Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis
 Avisos de recepção — Cada um 50 réis
 Registo — 50 réis, além do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado — Premio do seguro, além do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 réis por cada 20\$000 ou fracção. Encomendas postaes — Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros. — Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 k l.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kil.

Vales do correio — Portugal (Continente e Ilhas) 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 50\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$ réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho. — Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia porque forem emitidos.

Telegrammas — Para o continente do paz 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

Recibos particulares

De 1\$000 até 10\$ 00 réis 10
 > 10\$001 > 50\$000 > 20
 > 50\$001 > 100\$000 > 30
 > 100\$001 > 250\$000 > 5
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção 50
 Valor não conhecido ou declarado 500
 Cheques ao portador 20

Letras de cambio

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 até 20\$000 réis 20
 > 20\$001 > 50\$000 > 50
 > 50\$001 > 250\$000 > 100
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 até 20\$000 réis 20
 > 20\$001 > 40\$000 > 40
 > 40\$001 > 60\$000 > 60
 > 60\$001 > 80\$000 > 80
 > 80\$001 > 100\$000 > 100
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção 100

Sacadas no ultramar

e no estrangeiro e pagaveis em Portugal
 De 1\$000 até 20\$000 réis 20
 > 20\$001 > 100\$000 > 100
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção — Dr. Antonio dos Santos Sobreira.
 Thesoureiro — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.
 Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça — Graça — S. Thomé — Ribas — Areal — Neves e Sant'Anna 4 Badaladas
 Bairro dos Campos — Ruas do Loureiro — S. Bartholomeu e Lavraoeres. 5 >
 Ruas das Figueiras — Outeiro — Fonte — Oliveirinha — Lamarão e Motta 6 >

Bairro d'Arruela até á Poça 7 Badaladas
 Ruas do Bajunco — S. Miguel — Lagôa — Nova — Velha — Pinheiro e Brejo. 8 >
 Ponte Nova — Ponte Readá e Soberal 9 >
 Estação Pellames. 10 >
 Estação — Cima de Vila e legares visinhos 11 >
 Ribeira. 12 >
 Assões — Granja e Guilhovae 13 >
 Furadouro. 14 >
 Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. João Maria Lopes.
 Thesoureiro — Manoel José dos Santos Anselmo.
 Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.
 Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.
 Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Bibliotheca Escolar

Aberta das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, nos mezes de Maio a Setembro, e das 6 ás 9 da noite, nos mezes de Outubro a Abril. Nos Domingos e dias Santificados estará aberta só de noite.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.
 Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.
 Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Armazens de Vinhos

Afonso José Martins.
 Antonio da Silva Brandão Junior.
 Carrelhas & Filho, Successor.
 Manoel Ferreira Dias.
 Manoel Soares Pinto.

Agencias Bancarias

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.
 João da Silva Ferreira, de Joaquim Pinto Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.
 Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.
 Viuva de José Maria Pereira dos Santos, do Banco de Portugal.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».
 João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».
 João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».
 Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Español».
 José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João de Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Afonso José Martins, José Ferreira Malaquias José Rodrigues de Figueiredo, Manoel Valente de Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes — Soares Pinto & C.ª, Limitada, Ceramica — Peixoto, Ribeiro & C.ª.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete» — Estação, «Canastreiros» — Rua de St.ª Anna, «Central» — Rua da Praça, «Cerveira» — Furadouro, «Jeronymo» — Largo do Chafariz.

Lojas de Fazendas

João Alves — Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Mercearias

Francisco de Mattos — Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, Viuva Cerveira — Praça, Manoel Valente d'Almeida — Praça, Pinho & Irmão — Praça, Viuva de José de Mattos — Poça, Viuva Salvador — Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira — Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Padarias

A Panificadora, Carlota, Ovarense, Patria.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Campadre.
 Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas — Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOIOS

DESDE 15 DE MAIO DE 1910

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

Estações	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Tr.	Exp.	Mix.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	4,15	5,19	6,35	7	8,50	9,39	11,20	2,14	3,6	—	5	5,10	6,26	8,45
Campanhã	4,25	5,30	6,0	7,10	9	9,55	11,30	2,25	3,30	3,32	5,10	5,20	6,35	9,5
Gaya	4,33	5,38	7,1	7,22	9,11	10,14	11,45	2,39	3,41	4,29	5,21	5,29	6,47	9,24
Valladares	4,49	5,54	7,9	7,33	—	10,25	11,57	2,51	3,49	4,41	—	—	6,58	9,34
Granja	5,4	6,9	7,19	7,48	9,23	10,43	12,14	3,5	3,58	4,55	5,33	5,47	7,13	9,42
Espinho	5,12	6,17	7,27	7,55	9,29	10,49	12,23	3,14	4,5	5,7	5,39	5,56	7,21	9,55
Esmoriz	5,26	6,1	7,35	8,9	—	11,2	12,38	3,29	4,13	—	—	6,11	7,35	10,4
Cortegaça	5,31	6,36	—	8,14	—	11,7	12,41	3,34	—	—	—	6,17	7,40	—
Carvalheira	5,36	6,41	—	8,20	—	11,11	12,46	3,39	—	—	—	6,22	7,45	—
OVAR	5,47	6,51	7,50	8,30	—	11,22	12,57	3,49	4,31	6,2	—	6,34	7,55	10,24
Vallega	5,54	—	7,56	8,37	—	11,29	1,4	3,56	—	—	—	6,40	—	—
Avanca	6,1	—	8,1	8,42	—	11,35	1,10	4,1	—	—	—	6,46	—	—
Estarreja	6,13	—	8,13	8,55	—	11,49	1,22	4,14	4,50	6,36	—	7,1	—	10,45
Aveiro	6,40	—	8,37	9,21	10,5	12,13	1,48	4,40	5,11	7,12	6,14	7,27	—	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Estações	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,7	—	7,12	8,20	9,50	11,21	2,5	2,20	5,37	6	—	9,57	10,28
Estarreja	4,25	5,30	—	7,42	9,10	10,20	11,49	—	2,50	5,58	6,30	—	—	10,53
Avanca	4,36	—	—	7,53	—	10,31	12	—	3,1	—	6,41	—	—	—
Vallega	4,42	—	—	7,59	—	10,37	12,7	—	3,7	—	6,47	—	—	—
OVAR	4,50	5,52	7,20	8,6	9,55	10,44	12,15	—	3,14	6,17	6,4	8,30	—	11,12
Carvalheira	5	—	7,31	8,17	—	10,55	12,26	—	3,25	—	7,5	8,41	—	—
Cortegaça	5,6	—	7,36	8,22	—	10,59	12,31	—	3,30	—	7,10	8,46	—	—
Esmoriz	5,12	6,5	7,41	8,27	—	11,5	12,36	—	3,35	6,32	7,15	8,52	—	11,26
Espinho	5,29	6,17	7,58	8,44	10,26	11,21	12,51	2,39	3,5	6,45	7,3	9,10	10,36	11,34
Granja	5,35	6,26	8,4	8,49	10,42	11,17	12,58	2,45	3,56	6,52	7,36	9,16	10,42	11,40
Valladares	5,54	6,38	8,23	—	11,4	11,45	1,18	—	4,13	7,6	7,53	9,33	—	11,54
Gaya	6,12	7	8,39	9,9	12,12	12	1,33	8	4,26	7,27	8,8	9,48	10,59	12,7
Campanhã	6,23	7,11	8,50	9,18	12,26	12,10	1,45	3,8	4,37	7,41	8,19	9,39	11,7	12,15
S. Bento	6,34	7,31	9,2	9,32	—	2,22	1,57	3,18	4,47	7,55	8,27	10,8	11,18	12,36